



## Nota Técnica

### Lugares de Memórias no Tripuí, Ouro Preto, MG

Alenice Baeta - CEDEFES<sup>1</sup>  
Marilda Dionizia - APAOP<sup>2</sup>  
Emmanuel Xavier - APAOP<sup>3</sup>  
Líria B. Barros - AMAB<sup>4</sup>

#### 1 - Introdução

Foi realizada uma visita técnica na comunidade Tripuí ou Thipuhy por representantes da APAOP, AMAB e do CEDEFES, na área rural da sede de Ouro Preto, MG, em dezembro de 2024 a convite de lideranças locais.

Dando luz ao importante território Tripuí, o objetivo foi revelar e apresentar, ainda que preliminarmente, imagens do território, a sua biodiversidade, os lugares de memórias indicados pela comunidade, algumas de suas demandas e o atual contexto socioambiental.

#### 2 - “Tripuhy” - um dos territórios primevos do período colonial nas zonas auríferas

Tripuhy, tem nome de origem Tupi - “*água de fundo sujo*”, possivelmente em função da existência de rochas e areias escuras de xistos e filitos encontrados no leito dos seus córregos. Talvez, seja um dos primeiros territórios da região da antiga Vila Rica onde foram feitas as descobertas do ouro por parte dos primeiros exploradores, dentre elas, as expedições capitaneadas por sertanistas de Taubaté, caçadores de indígenas, como as de Antônio Dias de Oliveira, ainda por volta de 1698, considerado, por isto, marco histórico da mineração em toda a região.

Obviamente, como bem apontado pelo historiador Charles Boxer, as descobertas auríferas devem ter ocorrido de forma simultânea, ou melhor, “*em vários pontos do território das Minas, e por vários grupos de Paulistas, entre os anos de 1693 e 1695*”. (BOXER, 1969:58) Todavia, sem dúvida, um desses lugares teria sido o vale do Tripuí, como mencionado em algumas das citações selecionadas abaixo, publicadas em obras de notáveis especialistas em história da mineração aurífera e de Minas Gerais no período colonial.

---

<sup>1</sup> Historiadora e Arqueóloga - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES.

<sup>2</sup> Ambientalista - Associação Ambientalista de Ouro Preto - APAOP.

<sup>3</sup> Ambientalista - Associação Ambientalista de Ouro Preto - APAOP.

<sup>4</sup> Jornalista - Associação dos Moradores e Amigos de Botafogo - AMAB.

Em 1710, o jesuíta André A. Antonil em seu opúsculo “Cultura e Oportunidade do Brasil por suas Drogas e Minas”, menciona a importância do vale do Tripuí para a história do período colonial de Minas Gerais.

*“Há poucos anos que se começaram a descobrir as Minas Gerais dos Cataguases, governando o Rio de Janeiro Arthur de Sá e Meneses; e o primeiro dizem foi um mulato, que já havia estado nas minas de Parnaguá e Curitiba. Este indo ao sertão com alguns paulistas a buscar índios, e chegando ao **serro do Tripuí** desceu abaixo para tomar água no ribeiro a que chamam agora de Ouro Preto; e metendo a gamela na ribanceira para tirar água e roçando-a pela margem do rio, viu que nela depois ficaram uns granitos da cor do aço, sem saber o que eram, e nem os companheiros souberam conhecer e estimar o que tinham achado tão facilmente; e só cuidaram que ali haveria um metal não bem formado e por isso não conhecido (...) até que resolveram enviar alguns granitos ao governador Artur de Sá, e fazendo o exame se achou ser ouro finíssimo. (ANTONIL apud VASCONCELOS, 1999:121. O grifo é nosso)*

*O célebre historiador Diogo de Vasconcelos, em seu livro “História Antiga de Minas Gerais” cuja primeira edição é datada de 1904 (1999), indica que foi o Tripuí principal trecho final que acessava lugar munido de grupo de penhascos onde havia um grande pico, importante marco geográfico e guia na paisagem para os desbravadores, ao qual deram o nome de “Itacolomy” (Itacurumi- pedra menino), posteriormente abrangida pela região de Vila Rica. **“Era este pico o farol do Tripuí”** (VASCONCELOS, 1999:123. O grifo é nosso)*

*Importante considerar a importância atribuída ao Tripuí na virada do século XVII para o XVIII, e o início deste, pois teria sido considerado o melhor caminho para se atingir, “sem estorvo”, o Pico do Itacolomy e suas terras auríferas, sendo que possivelmente o Ribeirão do Carmo teria sido descoberto por acaso, segundo este autor, devido erro de acesso por parte dos aventureiros. “O Carmo descobriu-se por acaso, se não por engano de ser o Tripuí.” (VASCONCELOS, 1999:141)*

A obra de Miran Latif “As Minas Gerais”, ainda reforça que o acesso ao planalto mineiro, onde ficavam as zonas auríferas possuíam três caminhos principais, a dizer, os vales do Pará, do Paraopeba e do rio das Velhas, estes dois últimos, já parcialmente desbravados pela bandeira de Fernão Dias.

*(...) Antônio Dias galgando as escarpas da serra e seguindo também a leste pelo alto da cumeada, avista afinal o procurado pico de Itacolomi e retira ouro do rio Tripuí, onde será fundado Vila Rica de Ouro Preto.”*

O escritor e jurista Augusto de Lima Junior, em sua publicação “A Capitania das Minas Gerais - Origens e Formação” editada em 1940 (1965), menciona Tripuí, a garganta do Passa Dez, e a cachoeira do Tombadouro, até atingir as faldas da Serra do “Itacolumi” (1965:41).

*“Nesses escuros grotões, minados dos encontros das serras, desciam ocultos pela entrelaçada galharia das árvores, os córregos do ouro, até se espriarem em brejos ou praias alvacentas nos estuários do mais volumoso dêles, que era o Tripuí, desde a garganta do Passa-Dez até a cachoeira do Tombadouro, nas faldas da serra do Itacolomi. (...) Os que primeiro chegaram, foram os que criaram também o primeiro povoado, justamente no local do ouro prêto encontrado pelo mulato Duarte Nunes. Foi nos brejais e barrancas que margearam o ribeirão do Tripuí.” (LIMA JUNIOR, 1965:42)*

Em “Viagem pelo Brasil” os naturalistas e viajantes alemães J. B. von Spix e C. P. P von Martius descrevem as expedições que realizaram no Brasil entre 1817 e 1820, dentre elas, uma viagem à Vila Rica, onde narram as suas paisagens locais citando, em especial uma paragem no “Trepui” antes de adentrar Vila Rica.

*“O Itacolomi, ensombrado na base pela negrura das matas e destacando-se de todos os vizinhos com o seu píncaro rochoso e nu domina toda a região, uma maravilhosa mudança de luz desde a mais ofuscante claridade do sol até a negrura da mais tenebrosa sombra, pairava sobre a paisagem cuja feição sombria grandiosa merecia ser traduzida pelo pincel de um Salvador Rosa ou de um C. Poussin. A natureza parecia celebrar conosco com seu grave silêncio o estado de alma que nos empolgava, diante do magnífico panorama. **Por montes cada vez mais abruptos, fomos subindo adiante, e chegamos finalmente a Trepui, uma venda animada, distante uma légua de Vila Rica (Ouro Preto), sítio onde em geral se organizaram de novo as tropas que vem de lá ou que para lá vão.** Aqui igualmente fizemos pouso a fim de nos prepararmos para entrar na vila, e também para examinar o regato que corre embaixo, no vale do mais próximo outeiro, e que carrega cinábrio nas suas águas. De Fato, achamos pequenos grãos arredondados de cinábrio, misturando com muitos fragmentos e até alguns cristais octaédricos de ilmenita. Depois de tudo posto em ordem de marcha, subimos pelos últimos contrafortes do alto Itacolomi e gozamos ali do indizível contentamento de termos mui próximo, sob as vistas, o primeiro plano da já muito almejada Vila Rica.” (2019:201. Grifo nosso)*

Fica notória a grande relevância do Vale do Tripuí, sua longa história, seu rico e diversificado patrimônio arqueológico, testemunhos materiais e imateriais oriundos dos séculos XVII, XVIII e XIX, onde podem ser identificadas por entre as suas matas exuberantes, grotões e terraços de córregos, antigos sinais de mineração, tais como, valos, regos, montículos, catas, revirados e muretas de pedras, que podem ser, inclusive, atribuídos à fase inicial abordada acima. Há ainda alicerces e ruínas em alvenaria de pedra de casarões, senzalas, caminhos calçados, ponte, dentre outras estruturas pétreas, associadas a períodos distintos dos séculos XVIII e XIX.

Acrescenta-se ainda a esta instigante localidade, a existência de um complexo conjunto ferroviário, composto por casas com modelos diferenciados do ponto de vista

arquitetônico, moradias de uma antiga vila de funcionários ferroviários, trecho de linha férrea e sistema de canalização de água (atualmente utilizados pela EET/IEF) e demais equipamentos. Chama atenção o sítio histórico da estação ferroviária, apresentando somente alicerces de pedra e argamassa, onde repousava um belíssimo prédio confeccionado em madeira. Seria importante exemplar remanescente em Ouro Preto, de modalidade estilística e de tecnologia construtiva rara de estação ferroviária, inaugurada em 1891. Porém, segundo informações orais levantadas, a edificação teria sido totalmente desmontada e levada em grande caminhão por engenheiro da rede ferroviária décadas atrás, o que é lamentável e muito preocupante. Foi possível conseguir fotos antigas do prédio demolido, inseridas no rol de ilustrações abaixo, que atestam a sua magnífica importância arquitetônica, estética e cultural.

Ainda se destaca o conjunto histórico composto pela Capela de Nossa Senhora da Conceição, cruzeiro e o antigo “cemitério da capelinha”. No cemitério estão enterrados alguns dos ancestrais das atuais famílias que ali habitam, importantes lideranças, mestres, mestras e guardiões da memória do lugar.

Famílias da região e parentes dos que já se encontravam em Tripuí, Fazenda dos Crioulos, Botafogo e Venda Nova foram atraídos para o Tripuí com a instalação da Estação da Rede Ferroviária no final do século XIX para trabalhar nas suas frentes de trabalho, dentre as famílias destacam-se: Ramalho, Nascimento, Araújo e Pedrosa. O Sr. Agostinho Bosco Ramalho foi um morador local que se dedicou como funcionário da Estrada de Ferro em Tripuí, tendo se tornado importante liderança. Ao falecer, foi enterrado no “cemitério da capelinha”. Alguns de seus descendentes são atualmente moradores em algumas das antigas casas dos trabalhadores ferroviários.

## Sítios Arqueológicos em Tripuí



Imagem 1 - Mapa destacando alguns sítios arqueológicos do Tripuí.  
Em roxo, perímetro da Estação Ecológica do Tripuí.

### 3- Território Tradicional do Tripuhy

A publicação organizada por Roberto Alves, intitulada “Agenor - O Menino do Tripuí”, é fruto de uma pesquisa junto a seus familiares, onde organizou as memórias, relatos, cadernos e desenhos de seu pai, Agenor Alves (1917-2005), onde amplia e aprofunda o olhar para a história do território, de suas lideranças e famílias tradicionais, bem como, as redes parentais na região, fortemente vinculadas às localidades vizinhas do Tripuí, tais como, as antigas fazenda do Chá dos Crioulos, Marzagão, Venda Nova e Botafogo.

Uma das matriarcas, “Dona Amélia Gomes”, avó de Agenor Alves, seria irmã de moradora da vizinha fazenda dos Crioulos, a “tia Conceição”, que visitava periodicamente os seus parentes no Tripuí.

*“Uma vez por semana, tínhamos a visita de uma parenta da vovó, que morava fora do Tripuí, num lugarejo chamado Crioulos. Ela vinha a Ouro Preto fazer compras e pernoitava lá. Então nos alegrava com as suas histórias engraçadas, que contava à beira do fogo.” (ALVES, 2017:28)*

A matriarca Amélia Gomes fabricava pães, doces e broas em forno de cupim e barro, além de ser parteira de profissão e de vocação. (ALVES, 2017; 20-21)

*“Em noite chuvosas ou frias, no inverno, batiam na porta à procura dela, e prontamente, de boa vontade, sem nada lastimar, lá ia D. Amélia com um guarda-chuva ou um cobertor às costas, a pé, acompanhando o futuro pai, que normalmente conduzia a sacola da parteira, contendo os utensílios usados para o trabalho do parto: o amuleto, folhas de chá, um vidro com azeite de mamona, uma pequena lata com pó de fumo torrado, e roupas de uso pessoal para trocar, se fosse necessário. (...) A sua fé em Nossa Senhora da Conceição e outros santos de sua devoção era tão forte que os partos eram bem-sucedidos. (ALVES, 2017: 21)*

O esposo de Amélia, o senhor Augusto Gomes, seria descendente de pessoas escravizadas, conforme o autor, tendo tido como último emprego a rede ferroviária.

*“O Sô Augusto, como era chamado o meu avô, era descendente de africano. Era alto, magro, cabelos encarapinhados, de fisionomia carrancuda. Era severo no comando da família, mas tinha bom coração e era muito correto em seus negócios, embora gostasse de uma pinguinha. Alfabetizado, tinha uma boa caligrafia. Usava o hábito de girar a mão sobre o papel antes de escrever. Seu último emprego foi na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde trabalhou até se aposentar como trabalhador de conservação de linha.” (ALVES, 2017:18)*

No que se refere às antigas casas da comunidade do Tripuí, são mencionadas duas casas, segundo relato de Agenor Alves:

*“uma pequena e de apenas quatro cômodos e outra um pouco mais distante e perto da linha da Estrada de Ferro. Esta, com 7 cômodos. Ambas construídas de pau a pique, cobertas de zinco. Na primeira, foi onde eu nasci.” (ALVES, 2017:23)*

Com o tempo, algumas casas componentes do conjunto ferroviário foram sendo habitadas pelos antigos moradores locais, que se tornaram também funcionários da Estrada de Ferro, a exemplo do “Sô Augusto”.

Ainda sobre o guardião Augusto Gomes, seria católico e devoto de Nossa Senhora da Conceição, sendo o zelador da Capela cuja padroeira é a Virgem Conceição. Exerceu seu cargo de forma dedicada até o seu falecimento, tendo sido sepultado no cemitério do Tripuí. (ALVES, 2017: 20)

Além das peculiaridades históricas, tradicionais e patrimoniais magníficas mencionadas acima, o território Tripuhy, desde 1978 faz parte de uma Área de Preservação Ambiental, no caso, a “Estação Ecológica do Tripuí (EET), cuja principal justificativa de criação foi a existência do *Peripatus Acacioi*, pequeno e raro invertebrado pré-histórico, considerado um verdadeiro fóssil vivo, além de outras tantas espécies animais e vegetais, algumas em extinção, dentre elas, a lindíssima Araucária, bem como suas importantes nascentes e drenagens.

No que se refere a Araucária, “Esses pinheiros produzem frutos em forma de grandes bolas que, quando maduros, caem dos pés e suas sementes são comidas como castanhas”. (ALVES, 2017:22)

Em janeiro de 2025, inacreditavelmente, a sua zona de amortecimento foi diminuída pelo atual governo estadual<sup>5</sup>, alertando sobre possíveis interesses e conflitos fundiários devidos ameaças de novas explorações minerais nessa delicada e vulnerável região, incluindo as localidades Botafogo (Cf. BAETA, 2024) e Serra de Ouro Preto.



Imagem 2 - Detalhe de mapa histórico de Ouro Preto.

Círculo amarelo indica o território abrangido pelo Tripuí ou Tripuhy.

Fonte: Mapa Histórico de Ouro Preto de 1929 (Comissão Geographica e Geologica de Minas Gerais, sob coordenação de Álvaro da Silveira)

---

<sup>5</sup> Reunião Ordinária da CPB COPAM n.105 (Câmara de Proteção à Biodiversidade e de Áreas Protegidas - CPB, em 28/01/2025).



Imagem 3 - Árvore Araucária no Tripuí. Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez., 2024.



Imagem 4 - *Peripatus acacioni* - Tripuí. Ouro Preto, MG.  
Fonte: <https://rajusbiology.com/peripatus-general-characteristics/>





Imagem 5 - Base da antiga Estação Ferroviária Tripuí, Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez de 2024.



Imagem 6 - Prédio da Estação Ferroviária Tripuí datado de 1891.  
[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb\\_mg\\_pontenova/tripui.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_pontenova/tripui.htm)



Imagem 7 - Prédio da Estação Ferroviária Tripuí datado de 1891.  
Fonte: ALVES, Agenor "O Menino do Tripuí", Ed. Liberdade, Ouro Preto, 2017.



Imagem 8 - Base da antiga Estação Ferroviária Tripuí e trilhos remanescentes do século XIX.  
Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez. de 2024.



Imagem 9 - Detalhe de antiga vagonete, relíquia ferroviária.  
Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez .de 2024.



Imagem 10 - Casa que faz parte do conjunto histórico da Estação Ferroviária Tripuí, Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez. de 2024.



Imagem 11 - Casa que faz parte do conjunto histórico da Estação Ferroviária Tripuí, Ouro Preto, MG. Foto: A. Baeta, dez. de 2024.



Imagem 12 - Horta e galinheiro na comunidade Tripuí. Foto: E. Xavier, dez. de 2024.



Imagem 13 - Capela Nossa Senhora da Conceição e Cruzeiro, Tripuí, Ouro Preto. Foto: A. Baeta, dez. de 2024.



Imagem 14 - Cemitério histórico onde foram enterrados familiares da comunidade Tripuí, ao lado da Capela Nossa Senhora da Conceição, em Tripuí, Ouro Preto.  
Foto: A. Baeta, dez. de 2024.



Imagem 15 - Caminho Calçado com seixos rolados em Tripuí, Ouro Preto.  
Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 16 - Muro de Pedra associado ao Caminho Calçado com seixos rolados em Tripuí, Ouro Preto. Foto:  
M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 17 - Ponte com arco de alvenaria de pedra que faz parte do sistema caminho calçado em Tripuí e regos de águas, Ouro Preto. Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 18 - Ponte com arco de alvenaria de pedra que faz parte do sistema caminho calçado. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 19 - Local indicado como antigo moinho. Há ainda as bases de parede de alvenaria de pedra. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 20 - Peça pétrea Mó de antigo moinho. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.





Imagem 21 - Alicerce de pedra de antiga casa de Pau a Pique. Tripuí, Ouro Preto.  
Foto: M. Dionízia, dez. de 2024.



Imagem 22 - Detalhe de alicerce pétreo base de parede de Pau a Pique.  
Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, dez. de 2024.



Imagem 23 - Detalhe de peça pétrea base com datação incisa de 1776.  
Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, dez. de 2024.



Imagem 24 - Ruínas de antiga Edificação com paredes pétreas indicada pelos moradores locais como  
“senzala”. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, dez. de 2024.



Imagem 25 - Ruínas de antiga Edificação com paredes pétreas indicada pelos moradores locais como “senzala”. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, dez. de 2024.



Imagem 26 - Ruínas de antiga Edificação com paredes pétreas indicada pelos moradores locais como “senzala”. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, dez. de 2024.



Imagem 27 - Ruínas de antiga Edificação com paredes pétreas indicada pelos moradores locais como “senzala”. Tripuí, Ouro Preto. Foto: M. Dionízio, Dez. de 2024.



Imagem 28 - Ruínas da antiga Fazenda dos Crioulos., vizinha do Tripuí, cujos moradores antigos seriam parentes, Ouro Preto. Foto: L. Barros, Fev. de 2025.

### **3- Considerações Finais**

Sabe-se que a Prefeitura Municipal de Ouro Preto, teria iniciado inventário anos atrás de alguns bens culturais no Tripuí, todavia, considera-se importante reforçar a necessidade de proteção e de valorização eficaz deste variado acervo material e imaterial, aparentemente vulnerável, principalmente agora com a alteração da zona de amortecimento da EET, ocorrida em janeiro de 2025.

Alerta-se para a tradicionalidade da comunidade e do território do Tripuí, cujos saberes, fazeres e memórias se entrelaçam com as mais profundas raízes de sua densa vegetação. Lideranças comunitárias se sentem apreensivas com a alteração dos limites da zona de amortecimento da EET e trânsito de veículos de mineradoras com equipamentos de topografia e drones, conforme nossa equipe durante o trabalho de campo também pôde constatar. Qual seria o interesse fundiário no entorno imediato desta unidade de proteção e do território tradicional do Tripuí?

Muito preocupante a possibilidade de eventuais instalações de novos empreendimentos minerários nessa região, já severamente impactada pela barragem de Marzagão, instalada em 1974, quer dizer, durante a ditadura militar, obviamente sem respeitar as comunidades, territórios tradicionais e sítios históricos das antigas fazendas dos Crioulos e do Marzagão, por exemplo, munidas de patrimônio arqueológico remanescente e de muitas memórias.

Espera-se que esta nota técnica possa alavancar debates e reflexões sobre uma localidade atualmente esmaecida por parte do poder público em suas diversas instâncias, apoiando e colaborando também para o fortalecimento e auto-organização da comunidade de Tripuí.

Parafraseando o historiador marianense Diogo de Vasconcelos... que o Pico do Itacolomi possa lançar um forte “*farol sobre o Tripuí*”. Está precisando bastante agora.

### **4- Referências Bibliográficas**

ALVES, Roberto (Org.) *Agenor, O Menino do Tripuí*. Ouro Preto, Editora Liberdade, 2017.

BAETA, Alenice “Ameaça ao Patrimônio Cultural, Natural e Arqueológico da Localidade BOTAFOGO, Município Ouro Preto, MG” - Nota Técnica. CEDEFES, Ouro Preto, Fevereiro de 2024.

BOXER, Charles R. *A Idade do Ouro no Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969.

LATIF, Miran B. *As Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1978.

LIMA JUNIOR, Augusto de. *Capitania de Minas Gerais* Belo Horizonte, Edição do Instituto de História, Letras e Artes, 1965.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais* Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1999.

SPIX, J. B. von & MARTIUS, K. F. P. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2019.